



CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DA CAVALARIA PELOS ANGLO-SAXÕES ANTES DA BATALHA DE HASTINGS DE 1066

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3529

Lúcio Carlos Ferrarese, UEM
Jaime Estevão dos Reis, UEM

Resumo

Nesta comunicação temos como objetivo analisar o estilo de combate contumaz do povo anglo-saxão no período imediatamente anterior à invasão normanda do ano de 1066. Pautado no estilo de combate viking e germânico, procuramos compreender se o uso militar da cavalaria era desconhecido na Inglaterra anglo-saxônica do século XI. Como fontes para tal estudo fazemos uso da análise comparativa da *Tapeçaria de Bayeux* e da *Crônica Anglo-Saxônica*, fontes estas criadas na contemporaneidade do período estudado. Como bibliografia para a análise destas fontes, utilizamos trabalhos tais como os de Jans Frans Verbruggen, *The Art of Warfare in Western Europe during the Middle Ages* (1997), de Richard Phillip Abels, *From Alfred to Harold II: The military failure of the late Anglo-saxon state* (2001), de Helen Nicholson, *Medieval warfare: theory and practice of war in Europe 300-1500* (2004), e Christopher Gravett, *Hastings 1066: el fin de la Inglaterra Sajona* (1994). Analisamos as fontes em busca de dados para estabelecer se o uso militar da cavalaria era desconhecido, ou se os guerreiros anglo-saxões eram treinados nesse estilo de combate, influenciado pelos francos e os povos do continente no século XI. Cientes da possibilidade do uso da cavalaria, ou de sua efetiva deficiência no rol de estratégias e capacidades anglo-saxônicas, buscamos demonstrar as capacidades militares anglo-saxônicas e sua efetiva adaptação às necessidades nos conflitos aos quais estavam submetidos.

Palavras Chave:

História Militar;
Cavalaria; Inglaterra;
Anglo-saxões.

Introdução

Na guerra, o uso do cavalo no campo de batalha já estava presente desde a Antiguidade. Eram utilizados por batedores, pela cavalaria ligeira e por arqueiros montados (estes últimos em especial no Oriente), geralmente como assistência à infantaria, principal corpo militar do campo de batalha. Durante a Idade Média, o grupo militar dos cavaleiros foi considerado o corpo principal da composição dos exércitos: sua mobilidade, treinamento e armamento, concominada à sua posição político-social, tornava esses guerreiros montados o componente principal ao redor do qual as forças militares eram organizadas¹.

Essa ascensão militar, iniciada no século IX com o Império de Carlos Magno e consolidada no século XII, foi efetivamente adotada na Europa continental, em especial, pelos francos e os povos circundantes os quais foram influenciados por sua presença militar herdada do mencionado Império. No século XI, a cavalaria estava presente na composição de tropas ibéricas, francas, italianas e germânicas.

Todavia, referente ao período do século XI, a região do Mar do Norte, influenciada pela cultura dinamarquesa viking, demonstrava um aparente uso diminuído do cavalo em combate e a inexistência da figura do cavaleiro dentro de seus exércitos. Nessa área de influência, estava a região que hoje conhecemos como Inglaterra e as Ilhas Britânicas, que apesar de sua proximidade com região da França – e consequentemente, de seu estilo militar continental pautado na cavalaria – não se utilizou da cavalaria nos

conflitos do século XI, que culminaram com a invasão normanda na Batalha de Hastings de 1066.

O uso da cavalaria no conflito do ano de 1066 por parte dos normandos foi considerado um dos fatores para a vitória normanda, e a demonstração da superioridade militar das novas táticas da Idade Média Central contra táticas tradicionais herdadas ainda da Alta Idade Média. Entretanto, o presente texto pretende demonstrar que a cavalaria não era desconhecida pelos anglo-saxões: apesar da influência dinamarquesa viking em sua composição militar, os anglo-saxões estavam preparados para o combate contra a cavalaria, e a hipótese de que mesmo alguns destes foram cavaleiros é passível de consideração.

Análise da cavalaria anglo-saxônica

A concepção da ideia de que os anglo-saxões do século XI desconheciam o uso da cavalaria parte do estudo das fontes contemporâneas, em especial da Tapeçaria de Bayeux – uma fonte imagética que ilustra os eventos imediatamente anteriores e a Batalha de Hastings de 1066 – e a Crônica Anglo-Saxônica – coleção de manuscritos feitos por monges com o objetivo de registrar os acontecimentos temporais. Na Tapeçaria de Bayeux, as forças anglo-saxônicas não se utilizaram do cavalo no campo de batalha, optando por usar a infantaria pesada para lutar contra a cavalaria normanda (Figura 1).

1 Quanto à ascensão político-militar da cavalaria, veja: FERRARESE, Lucio Carlos. “A Transformação da Cavalaria na Idade Média: de grupo militar para grupo social dirigente”. V Congresso Internacional de História. Setembro 2011

2 Os normandos foram influenciados pelos francos, adotando o estilo de combate

continental, com cavalaria, infantaria e arquearia. Para mais detalhes: REIS, J.E.; FERRARESE, L. C. Estudo comparativo técnico-militar dos exércitos da Batalha de Hastings de 1066 nas fontes anglo-normandas do século XI. *Diálogos*, v. 20, p. 42-56, 2016.

Figura: A infantaria anglo-saxônica contra a cavalaria normanda.



Fonte: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Ba yeux/bay_tama.html

Já na Crônica Anglo-Saxônica, outro conflito anterior, no ano de 1055, fala do uso malsucedido da cavalaria por parte dos anglo-saxões:

(...) o conde Ralph reuniu grandes hostes para se opor a eles (os galeses) em Hereford, e ali eles se reuniram: mas antes que uma única lança fosse arremessada, os Ingleses fugiram, porque eles foram forçados a lutar a cavalo. Muitos deles foram mortos, algo entre quatrocentos ou talvez quinhentos, mas nenhum de seus oponentes (foi morto), os quais foram até a cidade e a queimaram completamente.³ (THE ANGLO-SAXON CHRONICLE, manuscrito C, 1990, p. 184; 186, grifo nosso).

Costumeiramente, esta passagem é interpretada como uma negativa do conhecimento anglo-saxônico referente à cavalaria, conforme Emma Watson:

O conde Ralph, sobrinho do rei, reuniu uma grande força para

defender a cidade, mas quando a batalha se iniciou, em 24 de outubro, ele fez um erro tático, de acordo com o texto C da Crônica Anglo-Saxônica, ao ordenar que seus homens lutassem a cavalo. O escritor deixa implícito que os ingleses não tinham as habilidades necessárias para a guerra à cavalo e que eles teriam sido mais efetivos lutando a pé, na formação contumaz da parede de escudos. De tal maneira, eles fugiram antes mesmo que uma única lança fosse arremessada. Mas João de Worcester escreveu que a fuga se iniciou pelo próprio Ralph, com seus franceses e normandos. Apenas quando esses cavaleiros experientes fugiram que as fileiras inglesas se desorganizaram⁴ (WATSON, 2004, p. 89-90).

Entretanto, existem outros fatores a se considerar quanto a esta interpretação das fontes. Primeiramente, referente à passagem original da Crônica Anglo-Saxônica, a cronologia da descrição dos eventos não nos apresenta a composição do campo de batalha, nem o momento do início do ataque: antes do combate se iniciar ele já havia se encerrado com uma debandada por parte dos anglo-saxões. Essa passagem pode implicar na possibilidade de que os anglo-saxões foram atacados enquanto ainda estavam se deslocando em seus cavalos para o campo de batalha, deslocamento comum durante o período medieval (NICHOLSON, 2006, p. 124-125). Ademais, os inimigos em questão, os galeses, eram adeptos dos ataques de surpresa, tal qual outra

³ No original: “(...) earl Ralph gathered great levies to oppose them at Hereford, and they came together there: but before a spear was thrown, the English fled, because they had been made to fight on horseback. Many of them were slain, about four hundred or perhaps five, but none of their opponents, who went to the town and burned it to the ground”.

⁴ No original: “Earl Ralph, the king’s nephew, assembled a large force to defend the city, but when battle was joined, on 24 October, he made a tactical error, according to the C-text of the

Anglo-Saxon Chronicle, by ordering his men to fight on horseback. This writer implies that the English lacked the skills needed for cavalry warfare and that they would have been more effective fighting on foot, in the customary formation of the shield wall. As it was, they fled before a single spear was thrown. But John of Worcester wrote that the flight was begun by Ralph himself, with his French and Normans. It was only when these experienced knights fled that the English ranks broke”.

passagem da Crônica Anglo-Saxônica demonstra:

1065. Neste ano, antes de Lammas [1 de agosto], o conde Haroldo começou uma construção em Portskewet, em Gales, agora que ela a havia conquistado; alo ele adquirir propriedades, pensando em convidar o rei Eduardo para uma caçada. Quando quase tudo estava preparado, Caradog, filho de Gruffydd, veio com uma força tão grande quanto ele foi capaz de reunir, matou muitos dos trabalhadores, e roubou todos os [bens] móveis que haviam sido reunidos ali.⁵ (THE ANGLO-SAXON CHRONICLE, manuscrito C, 1990, p. 190)

A possibilidade de que os galeses abordaram os anglo-saxões enquanto estes ainda estavam se movendo para o campo de batalha, portanto, não implica necessariamente que a derrota destes tenha ocorrido pelo fato de não possuírem conhecimento de combate montado, porém sim como resultado de um ataque rápido feito contra as fileiras anglo-saxônicas enquanto estas ainda estavam desorganizadas e se movendo em direção ao campo de batalha, o qual se encontrava longe de Hereford, visto o movimento posterior galês até a cidade.

Concomitante a esta análise, podemos questionar as considerações de João de Worcester: este escreveu sua fonte no século XII, sem contato direto com o evento; por ser um escritor eclesiástico seu conhecimento militar dos detalhes da batalha não eram suficientes para estabelecer uma narrativa completa da batalha; bem como sua narrativa pode ter sido obscurecida por seu contexto, no qual

a conquista normanda era considerada opressora para os anglo-saxões, e portanto retratações negativas da presença normanda (e estrangeira em geral) eram voltadas para um objetivo derogatório dos novos dirigentes da sociedade, narrativas mantidas dentro de grupos eclesiásticos ainda voltados ao passado anglo-saxão.

Ademais, outros acontecimentos demonstram a existência do uso de cavalos dentro da Inglaterra anglo-saxônica em períodos anteriores à batalha de Hastings de 1066. Nas invasões dinamarquesas vikings do ano de 1013, o cavalo foi usado pelos invasores para continuar seu avanço terreno adentro:

(...) Então o conde Uhtred e toda a Northumbria rapidamente se submeteram a ele [o rei Sueno I da Dinamarca] (...). Depois que ele percebeu que todos os povos haviam se submetido a ele, ele deu ordens para que seu exército fosse provisionado e equipado com cavalos; ele então se voltou para o sul com toda sua força (...).⁶ (THE ANGLO-SAXON CHRONICLE, manuscrito E, 1990, p. 143).

Apesar da eventual derrota anglo-saxônica na década de 1020, ainda assim os defensores tiveram de lidar com um grupo armado de posse de cavalos, atacando-os nas estradas enquanto ainda estavam montados em refregas e embates de menor escala.

Da mesma forma, a nobreza anglo-saxônica, durante o reinado de Eduardo o Confessor (1042-1066), tinha maiores contatos com o continente visto a ascendência normanda de seu suserano. A administração de Eduardo contava com

5 No original: "1065. In this year before Lammas [1 August] earl Harold had building started at Portskewet in Wales now he had conquered it; there he gathered together much property, thinking to invite king Edward there for the sake of the hunting. When most of it had been assembled, Caradog, Gruffydd's son, came up with as large a force as he could muster, slew

most of the workmen, and carried of the movables which had been got together there".

6 No original: "(...) Then earl Uhtred and all Northumbria straightway submitted to him (...). After he realized that all the people had submitted to him, he gave orders that his host should be provisioned and supplied with horse; he then turned southward with his whole force (...)"

estrangeiros normandos, evidenciado pelo episódio da expulsão da família Godwin em 1051 (THE ANGLO-SAXON CHRONICLE, 1990, p. 172-173), e a presença destes guerreiros montados pode ter influenciado um maior interesse pela equitação dentro da nobreza anglo-saxônica que almejava adquirir alianças com os normandos favorecidos por Eduardo.

Dentro desta nobreza, podemos notar a figura do último rei anglo-saxão, Haroldo Godwinson, o qual é retratado na Tapeçaria de Bayeux tanto como um cavaleiro nobre (figura 2) quanto alguém digno de receber a ordem da cavalaria pelas mãos de seu futuro rival, Guilherme da Normandia (figura 3). A equitação era uma característica importante para considerar o recipiente como um cavaleiro na concepção do século XI, como imagens buscam atribuir a Haroldo referente a acontecimentos ocorridos na primeira metade da década de 1060.

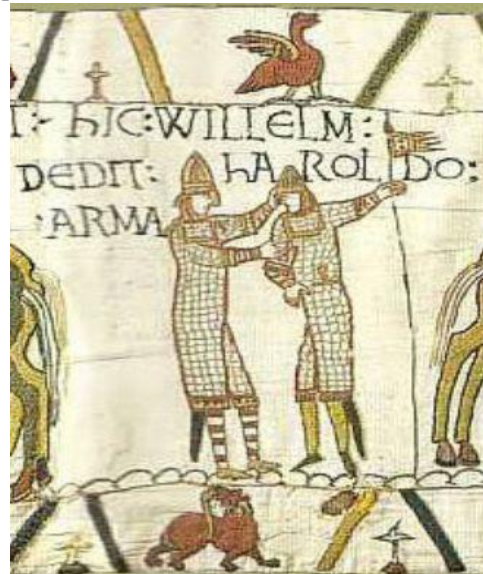
Figuras 2: O conde Haroldo Godwinson, cavalgando e caçado com seus cães e seu falcão.

Fonte: [http://www.hs-](http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html)



[augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html](http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html)

Figura 3: Haroldo é consagrado cavaleiro pelas mãos de Guilherme da Normandia



Fonte: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost11/Bayeux/bay_tama.html

Haroldo Godwinson já viajara e estivera no continente. Tanto sua proximidade com Eduardo o Confessor, o qual favorecia os normandos, quanto como sua estadia no continente, inclusive sob o comando de Guilherme da Normandia durante a sua campanha contra os bretões no ano de 1064, fizera com que ele conhecesse o papel da cavalaria dentro dos conflitos armados de seu contexto. Todavia, seu conhecimento pessoal da cavalaria não podia ser transferido plenamente para o uso nos dois conflitos que ocorreram durante o seu reinado no ano de 1066: a Batalha de Stamford Bridge e a Batalha de Hastings.

Em ambos os acontecimentos, a composição geográfica do terreno de batalha, bem como a composição técnica dos exércitos presentes em ambos os conflitos, não permitiram o uso efetivo da cavalaria. Em Stamford Bridge, onde as forças anglo-saxônicas se encontraram com invasores dinamarqueses vikings, o campo de batalha era dividido por um rio, e a passagem dos combatentes era possibilitada apenas por uma ponte estreita (GRAVETT, 1994, p. 43), impossibilitando o uso da cavalaria em

campo aberto e tornando necessária a tática contumaz do uso da infantaria pesada. Já para Hastings, a ausência de arqueiros nas fileiras anglo-saxônicas impossibilitou o uso da cavalaria, pois sem arqueiros para conter a artilharia normanda os cavaleiros anglo-saxões seriam alvejados facilmente quando avançassem. Assim, o melhor uso da cavalaria era desmontá-la e ocupar uma posição defensiva por meio do uso da parede de escudos (DEVRIES, 2009, p. 25). Esta tática foi tão efetiva que, apesar da eventual derrota anglo-saxônica, a Batalha de Hastings durou um dia inteiro, não tendo uma resolução rápida semelhante à outras batalhas medievais. Deveras: “Sem nenhuma brecha para explorar, os cavaleiros têm que combater seus inimigos exatamente como estes querem: frente a frente, sem possibilidades de investidas pelos flancos ou por brechas na defesa, lutando contra uma subida” (REIS; FERRARESE, 2016, p. 46). Essa demonstração de adaptação estratégica demonstra que os anglo-saxões sabiam como lidar com essa forma de combate, tal qual conforme Richard Abels nos diz: “as instituições militares da Inglaterra Anglo-Saxônica tardia eram tão sofisticadas e eficientes quanto as de qualquer outro reino medieval contemporâneo⁷” (2001, p. 16).

Considerações Finais

Podemos concluir que o uso da cavalaria enquanto grupo armado existia dentro das fronteiras do reino anglo-saxão do século XI. As interpretações usuais da total inexistência desta cavalaria não procedem da análise das fontes. O uso malsucedido da cavalaria no ano de 1055 não implica necessariamente que esta tática fosse desconhecida pelos anglo-saxões, pelo contrário, o fato de ter sido cogitado seu uso por parte do autor demonstra que os anglo-saxões

conheciam essa forma de conduzir a guerra. A eventual falha e não utilização da cavalaria por parte dos anglo-saxões se torna, portanto, mais demonstrativa da capacidade de seus inimigos e das condições contextuais onde os conflitos ocorreram do que pela incapacidade técnica dos guerreiros anglo-saxões.

Da mesma forma, a presença de homens normandos e francos na Inglaterra anglo-saxônica pré-1066, bem como o uso do cavalo nas invasões dinamarquesas vikings do início do século XI, demonstram a possibilidade pelo qual esse estilo de combate franco continental adentrou as Ilhas Britânicas, culminando na figura cavalheiresca do último rei anglo-saxão, Haroldo Godwinson, o qual adaptou seus combatentes para conter as táticas da cavalaria na Batalha de Hastings de 1066.

Referências

- ABELS, Richard Phillip. From Alfred to Harold II: The military failure of the late Anglo-saxon state. In: BACHRACH, Bernard S. e RICHARD ABELS, Phillip. **The Normans and their adversaries at war: Essays in memory of C. Warren Hollister.** Cambridge: Boydell & Brewer, 2001.
- DEVRIES, Kelly et al. **Batalhas medievais 1000 – 1500: conflitos que marcaram uma época e mudaram a história do mundo.** São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2009.
- FERRARESE, Lucio Carlos. A Transformação da Cavalaria na Idade Média: de Grupo Militar para Grupo Social Dirigente. In: V Congresso Internacional de História, 2011. v. 1. p. 2459-2468.
- GARMONSWAY, G. N. (Ed.). **The Anglo-Saxon Chronicle.** London: J. M. Dent & Sons Ltd., 1990.
- GRAPE, Wolfgang. **The Bayeux Tapestry: monument to a Norman triumph.** Translated from German by David Britt. Prestel-Verlag: Munich/New York, 1994.
- GRAVETT, Christopher. **Hastings 1066: el fin de la Inglaterra Sajona.** Madrid: Ediciones del Prado, 1994.

7 No original: “(...) the military institutions of the late Anglo-Saxon England were as sophisticated

and effective as those of any contemporary medieval state“.

NICHOLSON, Helen J. **Medieval warfare:**
theory and practice of war in Europe 300-1500.
Hampshire, Inglaterra: Palgrave Macmillan, 2004.
REIS, Jaime Estevão dos; FERRARESE, Lucio

Carlos. Estudo comparativo técnico-militar dos
exércitos da Batalha de Hastings de 1066 nas
fontes anglo-normandas do século XI. *Diálogos*,
v. 20, p. 42-56, 2016.